



“PUTA VELHA” E ALCOVITEIRA: A REPRESENTAÇÃO DAMULHER FEITICEIRA NA OBRA LA CELESTINA DEFERNANDO DE ROJAS (1520)

Fernando de Sá Oliveira Júnior

Licenciando em História, UFAL, Campus do Sertão.
fjunior.oli@hotmail.com

Igor Santiago

Licenciando/Bacharelado em História, UFBA.
santiagoigorct@gmail.com

RESUMO:

Esta comunicação intenciona analisar o imaginário sobre as mulheres acusadas de praticar feitiçaria presentes na Península Ibérica, sobretudo na cidade de Sevilha no século XVI, através da obra literária de Fernando de Rojas *La Celestina*, com ênfase na personagem Celestina. Apagadas por muito tempo da história, as mulheres foram acusadas de práticas maléficas e submissão as forças do mal, tendo em vista o “perfil” em tratados teológicos científicos, tradição literária e reproduzida na sociedade: a sua predisposição fraca e de ser subjugada. A prática da bruxaria e feitiçaria era condenada e vista como uma prática herética, sendo assim utilizamos ainda a feitiçaria como um “gancho” para que esta comunicação examine permanências e rupturas que ocorrem entre medievo e modernidade. Alguns dos autores que fundamentam este trabalho citam a personagem central quanto a sua relevância, como Laura de Mello e Souza referência tanto em *O diabo e a terra de Santa Cruz* em 1986, quanto em *A Feitiçaria na Europa Moderna* em 1987, salienta a importância deste “tipo” de feiticeira, que não está no campo e sim “agindo” em meio a área urbana, como uma das “rupturas” da Idade Média para a Modernidade. Francisco Bethencourt durante sua obra *O imaginário da Magia: feitiçarias, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*, descreve a personagem como velha alcoviteira, solteira e amarga, produtora de feitiços e invocadora do demônio, propiciando assim uma “marca” que é reproduzida a *posteriori* por demais autores no imaginário literário de maneira geral.

PALAVRAS CHAVE: Imaginário, literatura, feitiçaria.

Introdução

Apagadas por muito tempo da história, as mulheres foram acusadas de práticas maléficas e submissão as forças do mal, tendo em vista a sua predisposição fraca e de ser subjugada¹ que não se restringe a Idade Moderna, pois conforme Andreia Suris² a atitude masculina em relação ao sexo oposto oscilou ao longo dos séculos da atração a repulsão, da



admiração à hostilidade, bem como entre a veneração e o medo, particularmente nas sociedades de estruturas patriarcais.

Diante da obra *Summa Theologica*³, percebemos a influência que a mesma exerce sobre a cultura europeia, que reproduz o conceito de que a mulher é um acidente da natureza, fraco e deficiente, durante o período medieval se tinha a teoria para o corpo feminino de inferioridade, e assim construindo uma identidade negativa, bem como os discursos médicos, reforçam o discurso segundo os mesmos quanto a inferioridade física da mulher e a sua fisiologia como frágil.

A Época Moderna foi cenário de inúmeros acontecimentos, expansão marítima e comercial, que ocasiona a descoberta de novos territórios, a disseminação de crenças, reformas religiosas, e as inquisições ibéricas, chegando até o objeto de estudo desta pesquisa, que está localizada na Modernidade. Explicitamos o ponto de vista de Silvia Federici⁴ e a perspectiva feminista trazida pela autora, salientando quanto a análise da acumulação primitiva e de como a transição para o capitalismo fornece subsídio de conhecimento, estudando assim as condições sociais e históricas em que o corpo se torna componente fundamental para a composição de feminilidade.

Examinando questões relevantes quanto ao medievo e época moderna a partir da Global History⁵, vemos uma reflexão acerca de domínios e terras que não são ibéricas, tendo em vista que o século XVI conforme Serge Gruzinski⁶ relata em *A águia e o dragão*⁷, é o período que a história humana se inscreve num cenário que se identifica com o globo, e por sua vez estabelece conexões, destacadas pelo autor tais vínculos entre Europa/Caribe a partir de 1492, Sevilha/México a partir de 1517 etc, explicitando ainda o quanto a China também desempenha um papel relevante quanto a globalização, além da América tão disseminada historiograficamente.

Gruzinski ressalta ainda que no século XVI a China além de um sistema corrupto quanto a administração, detém expressivo comércio em grãos, seda, chá, porcelanas, destaque também ao campo intelectual, o filósofo chinês Wang Yangming (1472-1529), seus conceitos evidenciam a intuição individual e reforça a hegemonia do espírito, e sendo o mesmo essencial para a unidade, ou seja, uma leitura para além do Ocidente propicia a desvendar os “véus” e revela peculiaridades e características que não são encontradas somente no Oriente.



Refletindo quanto as Histórias conectadas e o contexto de modo geral analisado, que ocorre para o entendimento amplo do recorte estabelecido, bem como Gruzinski faz referência a “ilha de especiarias”⁸ e os acontecimentos em um debate amplo, sendo o mesmo ponto em comum, que aliás como o autor cita: “Buscadas tanto pelos chineses quanto pelos europeus, as especiarias são alvo de um tráfico mundial que dá lucros colossais e que mobiliza redes comerciais do Sudeste Asiático ao Mediterrâneo de Alexandria e de Veneza.”

Durante o recorte destacado existem alguns acontecimentos relevantes a salientar, como em 1505, D. Manuel anseia a continuidade dos descobrimentos referindo-se a Malaca, em 1512, o Rei Fernando de Aragão pretende enviar João Dias de Sólis para navegar até as Molucas, e entre alguns contratemplos, conforme Gruzinsky menciona “na barriga dos índios.

Ancorados em KavalamMadhava Panikkar⁹ e sua obra *A Dominação ocidental na Ásia: do século XV aos nossos dias*¹⁰, destacamos que após o término de expansão portuguesa e a fracassada tentativa de “costurar” relações com a dinastia Ming, o império português adquire mais repulsão para com os muçulmanos, já que detinham agora o comércio das especiarias. Percebendo a eminente tensão, o Sultão de Constantinopla estabelece negociações com o rei muçulmano de Cambaia e ainda o zamorim de Calicute, configurando assim uma conciliação militar.

O debate que está me torno do florescimento europeu, conforme Diego Curto¹¹ *Apud* Jack Goldstone, não se deu exclusivamente em um processo avançado e impecável, “quaisquer que fossem as diferenças institucionais e culturais, na verdade não havia nenhuma divergência importante no que diz respeito às condições materiais de existência na Europa e nas sociedades asiáticas avançadas até muito tarde, cerca de 1800” (GOLDSTONE 2008, p. 119-120).

Diego Curto sustenta ainda seus argumentos em Pomeranz e a obra *The Great Divergence*, que discute o fato da Europa estar em contextos distintos quanto a atraso e produtividade, não prevalecendo em um conceito homogêneo em todas as áreas, conforme Pomeranz salienta:

A Europa se encontrava atrasada do ponto de vista da riqueza, da tecnologia e da ciência, em 1700, continuava a revelar baixos níveis de produtividade agrícola e uma incapacidade evidente de manufacturar algodão, seda e porcelanas como sucedia na Índia ou na China. (CURTO, 2014, p. 06).



Apontando ainda como um aspecto histórico necessário, e fundamentado em Perry Anderson¹², salientamos o Estado Absolutista no Ocidente, que demarca as deficiências e adversidades do modo de produção feudal em fins do Medievo, importante ressaltar o quanto autores se debruçam sobre esta questão, debatendo assim a sua natureza social.¹³ Espanha e Portugal iniciam as perseguições aos hereges, mouros, judeus, adivinhos e bruxas. A obra literária do autor Fernando de Rojas, jovem estudante de Direito da Universidade de Salamanca, e publicada pela primeira vez em Burgos, capital do reino de Castela, impressa por Fabrique de Basilea, composta por dezesseis atos, com o título de *Comedia de Calisto y Melibea*, em 1499. É no fim do período medieval que destacamos quando os reis de Espanha assinaram o Édito de Expulsão dos judeus de todas as terras espanholas, ocasionando assim com que os mesmos abandonassem as suas cidades no prazo de três meses ou aceitar o batismo.¹⁴

Analisamos a versão intitulada *Libro de Calisto y Melibea y de la puta vieja Celestina*, e a publicação que está entre os anos de 1518 e 1520, por conta da disponibilidade da fonte para acesso via *Biblioteca Digital Hispánica-Biblioteca Nacional de España*, a edição é publicada por Jacobo Cromberger, editor de Sevilha. Considerando a fonte primária, é necessário refletir que conforme Roger Chartier¹⁵ discute, existe a necessidade de se investigar o que existe “por trás da aparente objetividade das narrativas”, e no caso do texto de cunho literário, por exemplo, deve-se ter em mente que o mesmo não revela apenas interesses de lazer ao leitor.

Em 1455 conforme Maria Palanca¹⁶ ressalta, o alemão Johannes Gutenberg aprimora a técnica chinesa de impressão, utilizando material resistente e durável. Até aquele momento a produção dos livros acontecia manualmente, tornando-se acessível somente à nobreza e ao clero, após a invenção o registro e/ou difusão do conhecimento em massa acontece, sendo este acontecimento significativo na expansão dos ideais renascentistas, pensamento que germinava naquela época e permitindo o acesso à leitura agora para as demais camadas da sociedade.

Fundamentação teórica



Diante do panorama atual de estudos sobre o imaginário acerca da feiticeira em Espanha, através da literatura e tomando como “pano de fundo” a obra *Libro de Calisto y Melibea y de la puta vieja Celestina*, observamos o quanto em relação a mesma existem diminutos trabalhos no campo da historiografia, salientando que as publicações se restringem na maioria das vezes aos cursos de Letras.

Alguns autores de renome citam a personagem Celestina quanto a sua relevância e como Rojas estabelece um perfil de feiticeira a partir de sua personagem, importante destacar que tratando-se dos temas: Inquisição e feitiçaria, abordagens distintas já foram levantadas. Há trabalhos que empregam a escrita voltada completamente para a Inquisição e sua estrutura de seus processos, discurso, além do acesso as fontes “oficiais”, irão dar “voz” aos personagens que são encontrados e são levados elementos em consideração como a cultura popular.

Jules Michelet, filósofo e historiador francês, em *La Sorcière* (1862) personifica a feiticeira rebelde, de modo a estar isolada socialmente, e que sobrevive executando malefícios, feitiços de amor e demais supostas artes mágicas. Seguindo a escrita “romântica” de Michelet, temos a obra *The Witch cult in Western Europe* (1921) da egiptóloga inglesa Margaret Murray, que tem em sua pesquisa uma reunião de confissões de camponeses, sua narrativa descreve as religiões populares como um culto em que a mulher feiticeira está organizada e que venera entidades também femininas.

Em contraponto as obras de Murray e Michelet, temos os trabalhos do Historiador Carlo Ginzburg, destacando as obras: *Andarilhos do Bem* (1966) e *História Noturna: Decifrando o Sabá* (1989), através dos estudos de Ginzburg sinalizamos a inserção deste trabalho e de como pode também contribuir, tendo em vista a literatura como é analisada, um dos pressupostos da Escola dos Annales e de sua terceira geração. A escrita de Ginzburg, como é mencionado por alguns críticos, está pautada entre a documentação e proximidade a antropologia, combinando a estrutura de Inquisição aos aspectos analisados do Sabá e os sujeitos, o que vale destacar se aproxima da discussão deste trabalho, tendo em vista a produção literária em destaque e os manuais médicos e demonológicos.

Em Portugal, destacamos os trabalhos de José Pedro Paiva e Francisco Bethencourt, o último lança em 1987 o clássico, *O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*, realizando análise da perseguição aos hereges em questão e as



artes mágicas de maneira geral, Pereira e Reis (2016), “defendem a ideia de que a bruxaria não era tão valorizada em Portugal quanto outros delitos, em oposição o que acontecia em outros reinos europeus”.

Eva Alberola aborda a questão de literatura espanhola, tendo como objeto a feiticeira, em *Hechiceras y Brujas em la Literatura Española de los Siglos de Oro* de 2010, sendo assim de suma importância para este trabalho, por conta de sua pesquisa desenvolvida no campo da crítica literária, especificamente em torno de temas pautados nas artes mágicas, literatura hispânica e folclore. Laura de Mello e Souza faz referência tanto em *O diabo e a terra de Santa Cruz* em 1986, quanto em *A Feitiçaria na Europa Moderna* em 1987, explicitando a importância deste “tipo” de feiticeira, que não está no campo e sim “agindo” em meio a área urbana, percebidos como uma das “rupturas” da Idade Média para a Modernidade, característica também como relevância científica a se estudar a obra. Conforme Laura de Mello e Souza¹⁷ observa:

O modelo dessas rufionas seria *Celestina*, de Fernando Rojas, peça teatral escrita nos primeiros anos do século XVI; ela é uma velha prostituta que solicita mulheres para homens, uma *alcahueta*, como se diz em espanhol. Alia a atividade de cafetina às de perfumista e bruxa fabricante de filtros amorosos e unguentos especiais. A descrição que Rojas faz de seu gabinete de trabalho é celebre, citada com frequência. Evidentemente, dada a natureza de sua atividade, celestina era uma feiticeira urbana, e poderia ser encontrada nos grandes centros mediterrâneos da Europa Moderna: Sevilha, Barcelona, Veneza, Roma, Gênova, Florença. Já no meio rural, nas aldeias e vilarejos do interior da Europa, dominavam as bruxas acima tratadas e ainda uma ou outra jovem bonita. (SOUZA, 1987, p. 16-17)

Dessa maneira, esta pesquisa concentra-se no perfil de mulher feiticeira “celestinesca”, e que está na época moderna, viabilizando a análise e reflexão quanto aos aspectos sócio históricos presentes. Os trabalhos que estão já inseridos no âmbito acadêmico caracterizam de maneira geral os aspectos trágicos, como aborda Eleni Santos¹⁸, a literatura, o criptojudáismo em Maria da Conceição Palanca¹⁹, e o discurso na obra em si e como utilizamos de Andrea Aguiar²⁰, e alguns poucos artigos que enfatizam a religiosidade. Reafirmamos a influência de Celestina, agora através de Francisco Bethencourt durante sua obra *O imaginário da Magia:feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*, descreve a personagem central da obra de Rojas em comparação a personagem de Gil Vicente:



A personagem construída por Gil Vicente obedece, no essencial, ao estereótipo literário da feiticeira fixado pela *Celestina* de Fernando de Rojas-velha alcoviteira, solteira e amarga, produtora de feitiços e invocadora do demônio-, embora saia beneficiada pelo olhar cúmplice e irônico do autor, que preferiu salientar os aspectos benignos da feitiçaria amorosa. Este estereótipo, aliás, é retomado no *Auto da barca do Inferno* com Brizida Vaz. Na mesma linha de *Celestina*. (BETHENCOURT, 2004, p. 36)

Percebemos então, como *Celestina* desempenha um “papel” relevante no fazer histórico, já que é indicada como referência, localizando neste ponto também o quanto é necessário discutir, e considerando que alguns trabalhos de pós-graduação tomam como objeto central a “feiticeira puta velha”, e que estão no âmbito da literatura e das letras de modo geral.

Para além do interesse de reafirmar o conhecimento no campo historiográfico deste quanto a obra de Rojas, é relevante salientar os aspectos de transição que estão presentes na escrita. Compartilhamos da perspectiva ainda de Aguiar, tendo a alcoviteira *Celestina* como o “fio” que une as teias sociais, e que conforme Rojas escreve, leva as punições as personagens de *Celestina*, *Melibea*, *Pármemo*, *Calisto* e *Sempronio*, no caso as penalidades acontecem em forma de catástrofes e mortes imbuídas pela ganância, o dinheiro e as paixões ardentes, sendo a última, a motivação pela qual *Celestina* é solicitada.

Andrea Aguiar atenta para o fato de Rojas escrever justamente o desfecho da obra em um fim pessimista, se pensarmos no contexto atual obviamente, sem amor e sem dinheiro a obra sugere que as perspectivas de que as classes sociais possam surgir em novas concepções, como a burguesa, conforme a autora reforça a anunciação destas classes naquele período. Através da crise dos valores renascentistas na Península Ibérica, que por consequência reforça o poder da classe aristocrata em sustentar os ideais absolutistas dos Reis Católicos, dificultando, assim, a afirmação da nova classe, a burguesa.

O livro é escrito em um período de inicial consolidação do poder ideológico castelhano, Andrea Aguiar menciona que este período em fins do século XV²¹ e, no caso muito peculiar da Península Ibérica quando comparada ao resto da Europa, ambigualmente confirma o modelo nacional imposto pela monarquia, criticando os valores medievais



parodiando a doutrina do que se chamava amor cortês, e ao mesmo tempo anula os valores oriundos do Renascimento, sendo assim, não enxerga futuro na modernidade burguesa.

Metodologia

A proposta desta pesquisa se dá justamente na análise da obra *Libro de Calixto y Melibea y de la puta vieja Celestina*, através da personagem Celestina, sendo assim é importante entender a maneira que Rojas escreve e como se deve examinar o que está nas “entrelinhas” de sua narrativa, considerando que Fernando de Rojas, era um jovem estudante do curso de Direito da Universidade de Salamanca durante o momento em que os primeiros dezesseis atos da obra surgem em 1499.

Em 1500 Pedro Hagenbach publica a segunda edição obra em Toledo intitulada *Comedia de Calisto y Melibea*, agora composta da carta “*El autor a um su amigo*”, na qual sinaliza o que o levou a publicar a comédia, e ao final dos dezesseis atos surgem seis estrofes do revisor Alonso de Proaza. Maria Palanca aponta ainda que em 1501 encontra-se em Sevilha uma nova edição semelhante a toledana, cujo único exemplar publicado encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris.

Em 1502, surge em Sevilha, Toledo e Salamanca uma nova edição composta por seis exemplares, com o título de *Tragicomedia de Calisto y Melibea*, com vinte e um atos, é neste ano que inicia a proibição pelos Reis Católicos das publicações sem a permissão real, incluindo neste acervo a obra de Rojas e em 1606, e em 1632 foi “expurgada pela Inquisição, gerando apenas onze edições desse livro durante o século XVII.”. Utilizamos a edição publicada em Sevilha entre 1518 e 1520, encontrada como fonte Online no site da *Biblioteca Digital Hispánica-Biblioteca Digital de España*. A obra de Rojas é editada inúmeras vezes e publicadas versões em italiano e francês.

É necessário antes de tudo, reconhecer que embora não seja exclusividade de Fernando de Rojas escrever sobre mulheres feiticeiras, porém há que se considerar a influência de sua obra diante de tantas publicações e obras construídas inspiradas em Celestina a *posteriori*.

Quanto as características da personagem, Celestina durante a trama exerce uma exposição metódica através de seus objetivos particulares, e assim persuadindo os indivíduos



que estão sob sua “proteção”, influenciando as paixões e protegendo em alguns momentos, embora essa maternidade espiritual mencionada durante a pesquisa não os “livra” de um destino cruel e prematuramente trágico.

A partir do esclarecimento de como se dá a construção da obra literária, explicitar a necessidade de análise dos aspectos secundários, como o conceito de “pedagogia do medo” que é trazido por Bennassar²², quando durante a obra *Celestina* morre, e assim o aspecto de castigo/punição pelos seus crimes recai sobre a mesma e os demais personagens, percebemos a coerção que o desfecho da obra contém.

O método de fato consiste nesta pesquisa em um “olhar” direcionado aos aspectos históricos que estão presentes na obra destacada, conforme citado pela lacuna existente de trabalhos que atendam esta vertente, e neste caso desenvolver com precisão o estudo acerca da personagem *Celestina*, já mencionada por Laura de Mello e Souza, Francisco Bethencourt, Eva Alberola, Gustav Henningsen.

Analisar o imaginário social através da literatura, obviamente como Durval Muniz de Albuquerque²³ problematiza, que a intenção não é separar literatura e história, e sim articular ambas, entretanto não significa o apagamento e rigor do método, conforme frisa:

isto não significa esquecermos nosso compromisso com a produção metódica de um saber, com o estabelecimento de uma pragmática institucional, que ofereça regras para a produção deste conhecimento, pois não devemos abrir mão também da dimensão científica que o nosso ofício possa ter (ALBUQUERQUE JR, 2017, p.63-64).

Resultados e discussão

Finalmente a análise de determinada época a partir de uma obra literária, como se trata da proposta aqui, neste caso viabiliza ainda o entendimento da escrita teatral e romântica da obra e como Roger Chartier observa, toda escrita contém intenções de ideologia e política, em suas palavras “profundamente marcado pelas suas jogadas e pelos seus tumultos.” Dessa forma, observa-se uma série de questões ainda a partir do que Chartier explicita, e que se pretende responder no desenvolvimento desta pesquisa, para isso, pretende-se ainda investigar outras possíveis fontes e que possa salientar a influência da personagem central de nosso estudo: *Celestina*.



Entendemos ainda quanto a Chartier que o mesmo ressalta a necessidade do reconhecimento de forças externas que estão atuando na produção de uma obra literária, e justamente observar as influências é o que se pretende de maneira geral e constatar na análise da tragédia romântica, localizando assim as variáveis que conduziram a escrita de Fernando de Rojas. Contudo, é importante destacar a metodologia aqui adotada através de análise do imaginário, dando continuidade ao campo de “renovação” criado pelos historiadores a partir das mentalidades, as práticas e a cultura em si, conforme Carla Pinsky²⁴ traz à tona, por exemplo, a História Nova e as profundas renovações, que as “linhas” de um “fazer” história cultural que está no centro das renovações historiográficas.

Enfatizando o acesso a obra, Fernando de Rojas por meio da escrita, e especificamente o prólogo repleto de uma insistência do autor em informar as razões que o levaram a publicar sua obra, considerando as constantes perseguições aos judeus e convertidos, comunidade da qual ele fazia parte, Maria Palanca discute esta questão:

conduzindo-nos a uma leitura hermenêutica desses textos e da obra no geral, levando-nos a observar que a intenção do autor estaria omitida, protegida e disfarçada sob as pesadas cortinas da intenção declarada e perceptível na superfície textual. Sobre a investigação da intencionalidade do autor nos textos, Umberto Eco (1997) considera que “o propósito que pode ter levado à tentativa de escrever uma obra particular – não pode fornecer a pedra de toque da interpretação e pode inclusive ser irrelevante ou enganosa como guia para o significado ou significados de um texto” (1997, p. 11) (PALANCA, 2016, p. 34)

Diante das considerações da autora, percebemos que a interpretação não pode estar amparada em um elemento identificado isoladamente, mas na presença de componentes que se fazem perceber em distintas partes do mesmo texto. Esta pesquisa retém sua atenção na imagem de Celestina²⁵ e considerando o contexto histórico em que a obra foi escrita, durante a Inquisição Espanhola, compreende-se que a prática da bruxaria e feitiçaria, especialmente por mulheres, era condenada e vista como uma prática herética. Destaca-se que o termo “inquisição” se refere à perseguição judicial dos hereges pelos tribunais especiais da Igreja. A eminente pesquisa utiliza ainda a feitiçaria como um “gancho” para analisar permanências e rupturas que ocorrem do medievo para a modernidade, Laura de Mello e Souza observa²⁶:

Aliás, a feitiçaria é um objeto privilegiado para se pensar o problema da passagem do mundo medieval para o moderno, e poucos se deram conta disso tão bem como Hugh Trevor-Roper, num ensaio muito brilhante, apesar de entremeado de equívocos: “A obsessão das bruxas na Europa dos séculos XVI e XVII é um



fenômeno surpreendente: um aviso a todos aqueles que pretendem simplificar os estágios do progresso humano. (SOUZA, 2005, p.11).

A Inquisição espanhola difere dos outros tribunais na medida em que ocorreu diretamente sob a autoridade da Coroa espanhola. Entretanto, não foi a primeira inquisição a operar na Espanha (ALVES; AGUIAR, 2011, p. 104). Sendo assim, trabalharemos com a literatura e de como o imaginário coletivo da sociedade moderna lidava com estas questões, especificamente a partir da obra Rojaniana.

NOTAS

¹ Condição feminina em tratados teológicos científicos, tradição literária e reproduzida na sociedade.

² SURIS, Andreia. **Um olhar sobre as mulheres acusadas de feitiçaria pela terceira Visitação do Santo Ofício na América Portuguesa (Grão-Pará, 1763-1769)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Departamento de História. Porto Alegre, 2015.

³ Obra de São Tomás de Aquino, frade, teólogo e santo da Igreja Católica, um corpo de doutrina que se constitui numa das bases da dogmática do catolicismo e considerada uma das principais obras filosóficas da escolástica. Escrita entre os anos de 1265 a 1273.

⁴ FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Coletivo Sycorax, 2004.

⁵ A história global traz uma importante diversificação de temas e objetos que, em nosso entender, é extremamente salutar para historiografia como um todo. Parece-nos ser um passo indispensável para nos tornar mais interligados e capazes de pensar a história de novas maneiras. SANTOS JÚNIOR, João Júlio Gomes dos. **História Global: um empreendimento intelectual em curso**. Tempo vol.23, n.03, Niterói. 2017.

⁶ Serge Gruzinski nasceu na França. Historiador e arquivista-paleógrafo, diretor de estudos na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris, é um renomado historiador das culturas e das sociedades da América Colonial, especialmente do México. Ficou conhecido por seus estudos sobre a mestiçagem cultural e por suas pesquisas e reflexões acerca do processo de mundialização ibérica do século XVI. FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **Serge Gruzinski e as dinâmicas culturais na América Colonial**. Cultura Histórica & Patrimônio. 2013.

⁷ GRUZINSKI, Serge. **A águia e o dragão: ambições europeias e mundialização no século XVI**. Companhia das Letras. 2015.

⁸ Gruzinski aponta as “ilhas de especiarias” nos confins do Sudoeste Asiático, as ilhas Banda e o arquipélago das Molucas, tendo em vista que nas ilhas Banda crescem a noz-moscada e o macis, enquanto Ternate e Tidore cultivam o cravo-da-índia. (2015, p.32)

⁹ **Kavalam Madhava Panikkar**. Educado na Universidade de Oxford, lecionou em universidades de Aligarh e Calcutá (agora Kolkata). Ele se voltou para o jornalismo em 1925 como editor do *Hindustan Times*. Ele entrou na vida política a serviço dos príncipes indianos. Depois que a Índia conquistou sua independência, ele recebeu mais responsabilidades como embaixador na China, e no final da vida, ele retornou à academia e foi vice-chanceler da Universidade de Mysore quando morreu. O interesse de Panikkar pela influência europeia na Ásia se refletiu em seus estudos de portugueses e holandeses em Malabar (no sul da Índia) e especialmente em sua *Ásia e domínio ocidental* (1953). In *Two Chinas* (1955) revelou sua simpatia pela China comunista. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography>.

¹⁰ PANIKKAR, K.M. **A Dominação ocidental na Ásia: do século XV aos nossos dias**. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

¹¹ CURTO, Diego Ramanda. **A Europa e a Ásia: histórias e historiografias comparadas**. Ouro Preto, 2004.

¹² ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado absolutista**. São Paulo: Brasiliense, 2004.



¹³ Perry Anderson destaca como Marx e Engels observam o Estado absolutista como um sistema correspondente a um equilíbrio entre a burguesia e a nobreza, tese obsoleta e superada *a posteriori*, já que o término da servidão não levou consigo o fim das relações feudais. O autor é um historiador marxista, professor de História e Sociologia na UCLA e editor da *New LeftReview*. A derrota do movimento de 1968 na França conduziu Perry Anderson ao estudo do Estado burguês nos países desenvolvidos. Daí resultaram dois livros: *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo e Linhagens do Estado Absolutista*, ambos de 1974, além de uma obra não concluída sobre as revoluções burguesas. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/autor/2194-perry-anderson>.

¹⁴ O decreto proibiu-lhes regressar a território espanhol, ameaçando-os de pena de morte e confiscação de bens; ameaçava igualmente confiscar todos os bens aos cristãos que tivessem a veleidade de ajudar os judeus. Ao sair de Espanha, os expulsos não podiam levar nem ouro nem prata. MALKA, Edmond S. *Fieis Portugueses Judeus na Península Ibérica*. Edições Acrópole, 1997.

¹⁵ CHARTIER, Roger. *As Utilizações do Objecto Impresso (Séculos XV-XIX)*. Lisboa: Difel, 1998, p. 25-26.

¹⁶ PALANCA, Maria da Conceição Rodrigues. *Criptojudáismo e literatura: o mito do exílio e a cabala em La Celestina*. São Cristóvão, SE, 2016.

¹⁷ SOUZA, Laura de Mello e. *A feitiçaria na Europa Moderna*. Editora Ática, 1987.

¹⁸ SANTOS, Eleni Nogueira dos. *As formas dramáticas do cômico e do trágico em La Celestina*. Universidade de São Paulo, Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, 2009.

¹⁹ PALANCA, Maria da Conceição. *Criptojudáismo e literatura: O mito do exílio e a cabala em La Celestina*. Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-graduação em Letras, 2016.

²⁰ AGUIAR, Andrea Augusta. *O discurso de Celestina: a construção e a desconstrução da personagem*. Universidade de São Paulo, Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, 2011.

²¹ Fernando de Rojas cria Celestina no auge de uma crise de valores na Península Ibérica. Criticando paradoxalmente os valores renascentistas e burgueses (recentes), que tentavam se impor sem sucesso diante da aristocracia, a base de sustento da monarquia- ao mesmo tempo que coexistiam com o período medieval, preservando assim alguns dos modelos sociais cristãos e feudais. AGUIAR, Andréa Augusta. *O discurso de Celestina*. 2011.

²² BENNASAR, Bartolomé. *Inquisiciónespanõla: poder político y control social*. Editorial crítica: grupo editorial Grijalbo, 1984.

²³ ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado – ensaios de teoria da história*. 2. ed. Curitiba: Primas, 2017.

²⁴ PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.¹Quando nos referimos a “maternidade espiritual”, é justamente o comportamento duvidoso, a questionável influência, como ambos o cerne da questão.

²⁵ Quando nos referimos a “maternidade espiritual”, é justamente o comportamento duvidoso, a questionável influência, como ambos o cerne da questão.

²⁶ SOUZA, Laura de Mello e. *Idade e Época moderna: fronteiras e problemas*, Signus, nº 7, Universidade de São Paulo, 2005.

Referências

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado – ensaios de teoria da história*. 2. ed. Curitiba: Primas, 2017.

ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado absolutista*. São Paulo: Brasiliense, 2004.



- AGUIAR, Andréa Augusta. **O discurso de Celestina**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.
- BENNASAR, Bartolomé. **Inquisiciónespanõla: poder politico y control social**. Editorial crítica: grupo editorial Grijalbo, 1984.
- BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da Magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI**. Companhia das letras, 2004.
- CÁRCEL, Ricardo Garcia. **Veinte años de la Historiografía sobre La Inquisición**. Valência, 1996.
- CHARTIER, Roger. **As Utilizações do Objecto Impresso (Séculos XV-XIX)**. Lisboa: Difel, 1998.
- CURTO, Diego Ramanda. **A Europa e a Ásia: histórias e historiografias comparadas**. Ouro Preto, 2004.
- DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1300-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- EDWARDS, John. **La España de los Reyes Católicos 1474-1520 Historia de España, IX**. Crítica Barcelona, 2001.
- ELLIOT, J.H. **La España Imperial 1469-1716**. Editorial Vicens-vives, 1969.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Coletivo Sycorax, 2004.
- FERNANDES, Alécio Nunes. **Da historiografia sobre o Santo Ofício português**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011.
- GINZBURG, Carlo. **Andarilhos do Bem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GINZBURG, Carlo. **História Noturna: Decifrando o Sabá**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GORENSTEIN, Lina. **A Inquisição contra as mulheres**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- GRUZINSKI, Serge. **A águia e o dragão: ambições europeias e mundialização no século XVI**. Companhia das Letras, 2015.
- HENNINGSEN, Gustav. **El abogado de las Brujas: brujería vasca e Inquisiciónespañola**. Alianza Editorial, 1983.
- JACOBO, Cromberger. **Libro de Calixto y Melibea y de la puta vieja Celestina**. Edição de 1518-1520. Disponível em: [http://bdh.bne.es/bnearch/biblioteca/Libro%20de%20Calixto%20y%20Melibea%20y%20de%20la%20puta%20vieja%20Celestina/qls/Rojas.%20Fernando%20de%20\(ca.%201470%201541\)/qls/bdh0000020624;jsessionid=E2F4243A95B0FBAE930140E8C50A224](http://bdh.bne.es/bnearch/biblioteca/Libro%20de%20Calixto%20y%20Melibea%20y%20de%20la%20puta%20vieja%20Celestina/qls/Rojas.%20Fernando%20de%20(ca.%201470%201541)/qls/bdh0000020624;jsessionid=E2F4243A95B0FBAE930140E8C50A224). Acesso em 18 de dezembro de 2018
- KAMEM, Henry. **Inquisição Espanhola: uma revisão histórica**. Editora Crítica, 1999.
- KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **Malleus Malleficarum**, 1487 .
- LARA ALBEROLA, Eva. **Hechiceras y Brujas em la Literatura Española de los Siglos de Oro**. Valencia: Publicacions de la Universitat de Valência, 2010.
- MALKA, Edmond S. **Fieis Portugueses Judeus na Península Ibérica**. Edições Acrópole. 1997.



- NOVINSKY, Anita. **A sobrevivência dos judeus na visão de Baruch Spinoza: o exemplo da Paraíba**. In: VAINFAS, Ronaldo. FEITLER, Bruno. LAGE, Lana (org.). *A inquisição em xeque: temas, controvérsias e estudos de caso*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.
- PAIVA, José Pedro. **Bruxaria e superstição num país sem “caça às bruxas” (1600-1774)**. Notícias Editorial, 1997.
- PALANCA, Maria da Conceição. **Criptojudáismo e literatura: O mito do exílio e a cabala em La Celestina**. Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-graduação em Letras. 2016.
- PANIKKAR, K.M. **A Dominação ocidental na Ásia: do século XV aos nossos dias**; tradução de Nemesio Salles, prefácio de Otto Maria Carpeaux: 34 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- PEREIRA, Juliana Torres Rodrigues. **Dossiê História e Gênero. Agentes do demônio no Arcebispado de Braga: as mulheres acusadas de Feitiçaria e suas interações com a comunidade no âmbito das relações de gênero**, 2016.
- PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.
- REIS, Marcus Vinícius. **Mulheres de seus corpos e de suas crenças: relações de gênero, práticas mágico-religiosas e Inquisição no mundo português (1541-1595)**, 2018.
- RICHARDS, J. **Sexo, Desvio de Danação: as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro, 1993.
- SOUZA, Laura de Mello e. **A feitiçaria na Europa Moderna**. Editora Ática, 1987.
- SOUZA, Laura de. Mello e. **Idade Média e Época Moderna: fronteiras e problemas**. Signus, nº 7, Universidade de São Paulo, 2005.
- SOUZA, Laura de Mello e. **Inferno Atlântico: Demonologia e colonização séculos XVI-XVIII**. Companhia das Letras, 1993.
- SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. 2. ed. São Paulo: companhia das Letras, 2009.
- SURIS, Andreia. **Um olhar sobre as mulheres acusadas de feitiçaria pela terceira Visitação do Santo Ofício na América Portuguesa (Grão-Pará, 1763-1769)**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Departamento de História. Porto Alegre, 2015.
- THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da Magia: crenças populares na Inglaterra séculos. XVI e XVII**. Companhia das Letras, 1971.